

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA SAGRADA FAMÍLIA, RIO MARINHO, VILA VELHA-ES

REQUALIFICATION OF PRAÇA SAGRADA FAMÍLIA, RIO MARINHO, VILA VELHA-ES

Thays Ferreira de Oliveira¹

João Sayd¹

RESUMO: As praças sempre desempenharam seu papel principal como locais públicos para integração e convivência social. A requalificação de praças requer intervenções arquitetônicas e paisagísticas para resolver problemas e melhorar a qualidade dos espaços, como é o caso da praça no bairro Rio Marinho em Vila Velha. O objetivo desta requalificação é examinar como o espaço se relaciona com as demandas da população e sugerir melhorias que sejam funcionais e economicamente viáveis. Para analisar necessidades de melhoria, a pesquisa utilizou dois instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação (APO): questionários para identificar as percepções dos usuários sobre o ambiente e mapas comportamentais para ajudar a compreender o uso do espaço. O objetivo final é construir um espaço de interação social que seja agradável e útil, ao mesmo tempo em que satisfaça as necessidades da comunidade local.

Palavras-chave: Espaço público; Requalificação; Mapa comportamental; Capela mortuária; Avaliação pós-ocupação.

ABSTRACT: Squares have always played their main role as public places for integration and social coexistence. The requalification of squares requires architectural and landscaping interventions to solve problems and improve the quality of spaces, as is the case with the square in the Rio Marinho neighborhood in Vila Velha. The objective of this requalification is to examine how the space relates to the demands of the population and suggest improvements that are functional and economically viable. To analyze improvement needs, the research used two Post-Occupancy Assessment (POE) instruments: questionnaires to identify users' perceptions of the environment and behavioral maps to help understand the use of the space. The ultimate goal is to build a space for social interaction that is enjoyable and useful, while meeting the needs of the local community.

Keywords: Public space; Requalification; Behavioral map; Mortuary chapel; Post-occupancy assessment.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho trata-se de uma proposta arquitetônica e paisagística para a principal praça do bairro Rio Marinho, caracterizada por ser um espaço de pequenas dimensões se comparado à maioria das praças, situar-se em uma esquina em frente à Igreja da Sagrada Família, abrigo no seu interior uma capela mortuária. Segundo

Peixoto (2009), o conceito de requalificação corresponde a intervenções arquitetônicas em um espaço de uso público, que possuem problemas e necessitam de soluções de diferentes escalas.

Lima e outros (1994) apresenta o conceito de praça como um espaço público urbano, livre de edificações que possa proporcionar recreação e convivência entre seus usuários. Esse tipo de ambiente teve início há milênios na Grécia antiga, onde inicialmente era um local aberto cercado por unidades comerciais e servia como local de debates e discussões entre a população que ali frequentava. As praças passaram por várias civilizações e mesmo diante de tantas interferências culturais nunca fugiram ao seu objetivo principal: sociabilidade e integração.

Gomes (2007) define que as praças no Brasil surgiram nos arredores das igrejas, sendo os primeiros locais abertos ao público nas cidades. Por isso, atraíam as residências mais sofisticadas, os edifícios governamentais importantes e o comércio central. É relevante observar que, embora as cidades brasileiras se desenvolvessem em torno da construção das igrejas e consequentemente dos adros, sua expansão não era planejada de maneira regular. Isso prejudicava a criação de espaços públicos como as praças, pois as ruas frequentemente seguiam traçados desalinhados e formavam corredores irregulares. Já Marx (1980, p. 50) também expõe que as praças são espaços públicos que têm suas origens ligadas aos adros das igrejas. Essa conexão com o sagrado é uma tradição que perdura, mas atualmente, muitas vezes, as praças acabam sendo confundidas com jardins.

Este trabalho visa analisar a interação do espaço estudado de acordo com as necessidades de uso da população, além de apresentar um projeto acessível. Busca também analisar e compreender estudos de referência que abordam o conceito de requalificação urbana e projetos de praças com as mesmas características do local estudado. Para atingir esses objetivos foi necessário realizar questionários e estudos com a população local, além de estudos de referências, e com base nos dados coletados o presente trabalho visa diagnosticar as melhorias necessárias e os pontos que requerem intervenção no local. Após a análise de todos os resultados será possível elaborar um programa de necessidades para entregar à comunidade um projeto que atenda suas demandas de forma eficiente e proporcione um local de interação social para a comunidade usufruir de um espaço livre.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é elaborar uma proposta arquitetônica e paisagística para a requalificação da praça do bairro Rio Marinho em Vila Velha, capaz de atender as necessidades dos usuários que frequentam o local. Os objetivos específicos deste trabalho são, respectivamente:

- Realizar uma breve contextualização a respeito de praças públicas e capelas;
- Apresentar diagnóstico urbano e demográfico do bairro;
- Apresentar estudo de referência de praças e capela;
- Diagnosticar as potencialidades e pontos de melhoria do local de acordo com os resultados obtidos através dos instrumentos da APO.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A elaboração da proposta paisagística e arquitetônica da praça do bairro Rio Marinho partiu de uma revisão da literatura sobre o conceito de praças através da história, observando suas relações com edifícios religiosos e sua consolidação no Brasil. Além disso, foi realizada uma leitura sobre o histórico do bairro Rio Marinho e um diagnóstico urbano e demográfico a fim de compreender o local que será estudado para assim elaborar um projeto que está dentro do contexto do bairro.

2.1 O CONCEITO DE PRAÇA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

O autor Lynch (2011) em sua obra define que as praças são lugares onde garantir o bem-estar das pessoas é o objetivo principal. Em relação à estrutura urbana, principalmente por ocupar o tecido urbano com seu caráter de espaço plurifuncional, as praças funcionam como ponto de referência visual na paisagem formada pelas construções. Ao operarem como pontos centrais no tecido urbano, colaboram para a apropriação social dos espaços da cidade.

Segundo Ecker (2020), os espaços públicos apresentam uma variedade de áreas e componentes urbanos que sustentam suas funções. A eficácia do espaço público está ligada à variedade de arranjos e atividades que ele oferece, promovendo a participação de diferentes grupos de usuários (crianças, adolescentes, adultos, idosos) em diferentes momentos do dia.

Silvio Soares Macedo (2012) apresenta o conceito de praça como um espaço público ao ar livre voltado para atividades sociais, que abrangem desde simples passeios até práticas esportivas. O autor também destaca que algumas praças têm áreas especialmente projetadas para atividades específicas, como passeios ou recreação infantil, enquanto outras possuem layouts que permitem que os usuários participem de diversas atividades simultaneamente. Algumas praças são estruturadas de modo a possibilitar seu uso múltiplo pela população.

Para Lamas (1993) a praça como o espaço público do encontro, da permanência, do comércio e da circulação, que serve como palco para eventos festivos, celebrações e protestos, onde a arquitetura se destaca. Segundo o autor, as praças desempenham papel de convivência, frequentemente integrado ao contexto urbano com dimensão próxima à de uma quadra, e inclui significativa vegetação, equipamentos urbanos e infraestrutura. Assim compreende-se que as praças são espaços públicos frequentados por diversos usuários, com diferentes propósitos como lazer, bem-estar, descanso, socialização, entre outros. Elas desempenham um papel importante na vida social dentro do contexto urbano. Para Caldeira (2007) a estrutura física das praças no Brasil representou o centro vital da vida diária na colônia, possibilitando que o caráter intrínseco de área comum, local de encontro e congregação, fosse plenamente expresso. Algumas praças, especialmente, transformaram-se em marcos urbanos, consolidando-se como pontos de referência na história das cidades brasileiras.

2.2 HISTÓRIA DO BAIRRO

O Rio Marinho é um curso d'água que estabelece a divisa entre os municípios de Vila Velha e Cariacica, no estado do Espírito Santo, Brasil. Décadas atrás, o Rio Marinho servia como um local para lazer, pesca, coleta de água e navegação. No entanto, sua

rápida deterioração foi causada pela instalação de grandes indústrias e a ocupação desorganizada desde os anos 70 (Caus, 2012).

O bairro Rio Marinho “tem esse nome porque era invadido pela maré e sua água era salgada” (Caus, 2012 p.141). A origem do bairro se dá através do rio Jucu com a chegada dos jesuítas que, com o trabalho da mão de obra escravizada, promoveram a transposição do rio Jucu ao rio marinho - obra considerada a primeira transposição de bacias hidrográficas do Brasil. Com a transposição do rio foi possível que “as canoas transportassem mercadorias de Araçatiba até o Porto dos Padres em tempo mais reduzido, com menos perigo e perda de mercadorias” (Caus, 2012, p.134).

O canal era utilizado para transportar mercadorias e equipamentos das fazendas do interior do estado até o Colégio localizado em Vitória. Segundo Caus (2012), além da navegação, o Rio Marinho desempenhou um papel importante no abastecimento de água em Vitória no final do século XIX. Na metade do século XX, com a implementação de obras de saneamento, suas águas foram tratadas para abastecer a Grande Vitória até a década de 1970, quando esse sistema foi desativado (Caus, 2012).

No início do século XX, a população de Vitória crescia e continuava com o grave problema de abastecimento de água. Em épocas de seca e com a diminuição de vazão das encostas da ilha, o reforço era feito por tonéis de água transportados do Rio Jucu por canoas pelo canal dos jesuítas, que funcionou perfeitamente por mais de 200 anos após a sua abertura. (CAUS, 2012 p.134 e 135).

Em 1777, os holandeses desembarcaram em Vitória em busca de água potável, porém, foram considerados invasores pela população local e muitos deles foram mortos. Apenas três conseguiram sobreviver, mas acabaram sendo feitos prisioneiros. Posteriormente, foram libertados com a condição de auxiliar no combate aos índios. Um desses holandeses, conhecido como Henrique Laranja, recebeu como recompensa pelo seu serviço um pequeno exército composto por 30 homens armados, além de uma extensão de terra cortada pelo Rio Marinho, cujas águas eram claras e cristalinas. Henrique Laranja transformou essas terras em uma fazenda que passou a ser chamada de Fazenda Rio Marinho (Martins, 2017).

No ano de 1829, Henrique Laranja, o dono das terras, faleceu e as terras foram divididas entre seus herdeiros. O coronel Antônio Gonçalves Laranja chamou a parte de suas terras de Fazenda Cobi, pois havia muitas árvores de cobi na época. Segundo Casamata (2019, Online), no dia 16 de setembro de 1951, foi inaugurada a primeira estrada asfaltada do Espírito Santo, denominada Rodovia Carlos Lindemberg, que contou com a presença do presidente Getúlio Vargas. Com o tempo, a Fazenda Cobi se transformou em um bairro, que passou a ser conhecido como Cobilândia.

De acordo com Martins (2017), Benício Gonçalves, que era o atual sucessor da família, iniciou a comercialização dos lotes situados nas áreas do projeto de urbanização da Fazenda Cobi. Em 1959, a propriedade passou por uma nova divisão, realizada pelos herdeiros de Henrique e Alice Laranja. No bairro Rio Marinho, a herança ficou sob a responsabilidade de Inácia Madalena Laranja.

O desenvolvimento da Grande Vitória continuou em ritmo acelerado. Além disso, o Marinho não era suficiente para atender à demanda da população. A água do Rio Formate, que deságua no Marinho, tornou-se imprópria para consumo humano devido ao esgoto e à urbanização da área. O Rio Marinho também foi destruído devido ao crescimento desordenado da cidade, a falta de investimentos em infraestrutura e saneamento e a falta de respeito dos moradores pelo meio ambiente (Caus, 2012).

2.3 DIAGNÓSTICO URBANO E DEMOGRÁFICO DO BAIRRO

O bairro foi ocupado nas décadas de 1960 e 1970, e com o passar dos anos foi recebendo alguma infraestrutura mínima, como água encanada e energia elétrica (Martins, 2017). Atualmente, as ocupações ao longo das margens do Rio Marinho e do Canal Marinho, a falta de saneamento básico e a falta de consciência sobre a importância de preservar os espaços naturais resultaram em situações em que o rio e o canal se tornaram impróprios para o abastecimento humano e inadequados para a vida aquática devido à carga de poluição doméstica e industrial que recebem (Martins, 2017).

O autor Andrade (1992) afirma que no início do século XX, se dizia que os problemas das cidades deveriam ser controlados para evitar que a vida nesses locais se tornasse insustentável. Alegava-se que era necessário prevenir os erros resultantes do crescimento descontrolado das cidades. Argumentava-se que a expansão urbana não deveria depender da sorte, dos interesses dos proprietários ou das decisões das autoridades locais. As intervenções urbanísticas propostas levavam em consideração a cidade como um todo, tentando conciliar o passado com o futuro ao planejar o crescimento da cidade.

Segundo o Censo de 2022, a população residente por situação de domicílio do bairro era de 10.204 habitantes, sendo 4.896 do sexo masculino e 5.308 do sexo feminino, isso representa 47,98% da população composta por homens e 52,01% por mulheres.

O bairro Rio Marinho de Vila Velha é o mais populoso de sua regional, contando com 11.377 habitantes (ano de 2010), numa área de 158 ha, representando uma densidade demográfica de 72,00 hab/ha. Possuía no ano de 2010, 2.348 residências, 625 terrenos baldios, 92 pontos de comércio e serviço registrados e 11 estabelecimentos como Igrejas e Associações. O bairro faz limite a Norte com os bairros Cobilândia e Jardim Marilândia, ao Sudeste com o Bairro Vale Encantado, a Oeste com o bairro Bandeirante no município de Cariacica. Os bairros Rio Marinho de Vila Velha e Cariacica não são limítrofes, porém ambos possuem o canal do Rio Marinho como um de seus limites (IBGE, 2010).

O bairro Rio Marinho é predominantemente residencial com alguns lotes que possuem uso misto, sendo a parte térrea com comércio e o segundo pavimento residencial. Através da figura 1 é possível entender a disposição dos usos no entorno da praça onde foi desenvolvido o projeto. De acordo com o censo de 2019, o bairro Rio Marinho em Vila Velha possui uma área territorial de 210,225 km², com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,8 e PIB per capita de R\$26.040,20.

Figura 1: Mapa de uso de trecho do bairro Rio Marinho, Vila Velha, no entorno da área do projeto.



Fonte: A autora com base na Prefeitura de Vila Velha

De acordo com o Censo 2010, a maioria das pessoas economicamente ativas (PEA) do bairro recebia até dois salários-mínimos. Considerando famílias conformadas por casais onde ambos são economicamente ativos, a maioria dos moradores pertence à classe C. Essa situação fica ainda pior quando se leva em consideração que 31,28% das pessoas que residem no bairro não têm renda ou dependem exclusivamente de benefícios sociais. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos, calculou que o salário ideal para cobrir despesas com alimentação, transporte, vestuário, higiene, educação, previdência e lazer deveria ser de R\$2.110,26 (4,13 salários-mínimos) em 2010. De acordo com esse cálculo, menos de 18% da PEA no Rio Marinho estariam dentro da faixa considerada necessária para uma vida digna (Martins, 2017).

3. METODOLOGIA

De acordo com Ono (2018) a metodologia da avaliação pós-ocupação oferece ferramentas que ajudam a entender como as pessoas se comportam e percebem o ambiente ao seu redor. Ao integrar essas informações na avaliação de espaços construídos e seus objetivos, é possível criar ambientes que realmente atendam às necessidades e preferências dos usuários. A avaliação pós-ocupação busca estudar as edificações durante o processo de uso, a partir do momento em que a edificação passa a abrigar os seres humanos de acordo com suas atividades (Elali, 2002)

Outro conceito da avaliação pós-ocupação de acordo com França e outros (2018) é um conjunto de procedimentos metodológicos que visam principalmente atender às necessidades do usuário durante o uso do ambiente construído. A integração de

várias fases do ciclo de vida do ambiente - que foram construídas através de fases anteriores ao uso, como planejamento, projeto e produção -, é promovida pela abordagem de avaliação pós-ocupação, que tem como vantagem usar a avaliação em escala e no tempo presente das opiniões de usuários, avaliadores e especialistas.

Nesse projeto, a avaliação tem como público-alvo os moradores do bairro, sendo eles os que frequentam a praça que será o local de estudo, os fiéis das igrejas próximas ao local e as pessoas que frequentam o local para prática de atividades físicas. Além disso, será consultada bibliografia especializada de fontes confiáveis e serão utilizadas fotos antigas e fotos realizadas no local. Com esses dados levantados, a pesquisa terá como resultado os pontos de melhorias necessárias no local, assim como será possível a elaboração do programa de necessidades que poderá ser ali implantado.

3.1. OS INSTRUMENTOS DA AVALIAÇÃO PÓS OCUPAÇÃO

O trabalho proposto visa analisar a percepção dos usuários que frequentam o local, com o objetivo de captar a opinião dos usuários em relação ao ambiente já construído e em uso, levando em consideração aspectos relacionados aos usos pela percepção do usuário, bem como das atividades realizadas por ele. Além disso, busca-se estabelecer relações entre os fluxos de uso, as funcionalidades disponíveis e os pontos/desafios a serem melhorados.

De acordo com Elali (2002) é essencial valorizar a percepção e a satisfação dos usuários em relação ao que vivem atualmente e suas expectativas futuras. Isso fortalece a conexão entre a sociedade, os edifícios e quem os projeta, permitindo uma avaliação mais completa das situações. A participação dos usuários na análise de produtos é crucial, já que sua experiência diária os torna críticos e informados. Além disso, ouvir as opiniões de vários envolvidos esclarece dúvidas e enriquece as informações, promovendo uma troca valiosa de dados.

Entretanto, a utilização isolada de um único método pode resultar em lacunas no conhecimento adquirido, levando a resultados que refletem apenas um aspecto da realidade. Diante disso, é recomendável que as distorções provenientes de um tipo de coleta de dados sejam equilibradas por informações obtidas através de outros métodos de pesquisa. Portanto, a adoção de multimétodos pode aumentar a confiabilidade dos resultados, assim como minimizar discrepâncias e particularidades do método avaliado (França e outros, 2008).

Desse modo, para a elaboração dessa pesquisa foi escolhido 2 instrumentos da Avaliação Pós Ocupação sendo eles o questionário como uma metodologia quantitativa e o Mapa comportamental como qualitativas.

3.1.1 Questionários

Segundo Ono (2018, p.14) “é importante considerar a adoção de instrumentos de coleta de dados que permitam aferir a opinião dos usuários, sendo o questionário o mais comumente adotado.” A respeito do questionário, a autora também detalha que o objetivo fundamental de uma pesquisa de APO é determinar o nível de satisfação

dos usuários de acordo com o ambiente construído durante seu uso. O método de ordem quantitativa mais eficaz para atingir esse objetivo é o questionário.

Rheingantz (2009) afirma que o questionário pode ser entendido como um instrumento de pesquisa que contém uma série bem ordenada de perguntas com relação a determinado problema ou assunto, as quais devem ser respondidas por escrito desde que seja sem a presença do pesquisador. O autor também apresenta que nas avaliações de desempenho, as análises dos resultados com a aplicação do instrumento de questionário possibilitam estudar perfis dos usuários estudados e entender a sua opinião com relação aos ambientes estudados.

3.1.2 Mapa comportamental

De acordo com Rheingantz (2009) o mapa comportamental é uma ferramenta para registrar observações sobre as ações e comportamentos dos usuários em um ambiente específico. É útil para identificar os usos, arranjos ou layouts, fluxos e relações espaciais, bem como para representar graficamente as interações, movimentos e circulação das pessoas, sejam elas relativas ao espaço ou ao tempo que permanecem no ambiente estudado. Esse instrumento foi desenvolvido para melhorar e aprimorar o registro das atividades e localização das pessoas em um ambiente específico, utilizando mapas esquemáticos e gráficos, além de ilustrar o tempo de permanência ou percurso das pessoas, bem como seu comportamento e suas atitudes.

Segundo Ono (2018, p.15) o instrumento denominado mapa comportamental é a "representação gráfica das localizações e comportamentos das pessoas no espaço, possibilitando a análise crítica dessas atividades e sua comparação com aquelas que estavam planejadas para o local." O instrumento também "permite a análise dos diversos fluxos quanto à sua origem, frequência, quem os realiza, a maneira como ocorrem (organizados ou não) e suas intercorrências" (Ono, 2018, p.15). Através desse método é possível elaborar um projeto pensado nos fluxos e flexibilidade do local, a fim de proporcionar um ambiente dinâmico para todos os tipos de atividades e usuários que ali passarem. A observação não participante evita intervenções no campo, geralmente, essa avaliação é realizada em espaços públicos e abertos, onde não é possível obter o consentimento dos observados. Quanto mais público e desestruturado for o ambiente, menor será a percepção da presença de um observador. A análise dos dados é baseada na contagem da ocorrência de atividades específicas, utilizando procedimentos de categorização (Ono, 2018).

3.2. REFERENCIAL PROJETUAL

Como referência projetual, foram selecionados três exemplos inspiradores: duas praças contemporâneas que contrastam com o cenário atual e uma capela com construção singular. Essas referências são essenciais para orientar o desenvolvimento do projeto da praça e da capela, pois proporcionam ideias iniciais que serão integradas ao conceito final. Além de estabelecerem um padrão estético e

funcional, esses elementos servirão como guias para assegurar a harmonia e a funcionalidade do espaço planejado. A análise detalhada dessas referências permitirá a aplicação de elementos funcionais e adaptáveis às necessidades específicas do ambiente.

3.2.1 Projeto Mirim, São Paulo, 2017

De acordo com o escritório Metro (2017), o projeto Mirim, localizado em São Paulo, foi projetado em 2017 pelo escritório de arquitetura Metro, pelos arquitetos Gustavo Cedroni e Martin Corullon. O projeto foi elaborado com o intuito de ser um local que proporcionasse várias interações para o usuário em um mesmo ambiente. O partido adotado foi de flexibilidade e continuidade, resultando em um ambiente que proporciona um espaço onde é possível brincar, aprender e socializar. Essa característica será levada em consideração na elaboração da proposta para a praça, visto que as características de projeto são semelhantes como um local pequeno e com a necessidade de locais flexíveis, através da figura 2, é possível visualizar o projeto com os itens propostos.

Figura 2: Projeto Mirim



Fonte: Metro, 2017.

De acordo com o escritório Metro (2017), o modelo é adaptado para ser implantado em qualquer local, visto que o sistema é adaptado para diferentes dimensões e tipos de topografias. O projeto possui uma área de 400m², é composto por itens que proporcionam descanso, contemplação, lazer e permanência. Voltado para todas as faixas etárias o projeto é composto por 16 itens sendo eles: chuveiros; bancos; barras sonoras; escorregador; bicicletário; lixeiras; horta; vasos; gangorras; túneis; mesa de piquenique; balanço; goleira; basquete; ping pong e rede.

3.2.2 Parque Donshan Shaoye Plaza

De acordo com o ArchDaily (2021, Online) o Parque Dongshan Shaoye Plaza está situado no distrito de Yuexiu, Guangzhou, e serve como um ponto central de

interseção entre a área comercial e os bairros residenciais. O parque sofreu uma alteração da circulação, transformando-a de uma linha reta para uma curva. O objetivo era que o parque fosse usado pelos moradores da comunidade como uma extensão de suas casas.

Figura 3: Parque Dongshan Shaoye



Fonte: [ArchDaily](#), 2020.

O projeto faz parte do portfólio do escritório Way Architects, e conta com uma área de 898m², que proporciona uma sensação de espaço tranquilo e sob o tronco da árvore, onde as pessoas se sentam e se reúnem (ArchDaily, 2021). O parque foi escolhido como referencial de projeto por demonstrar características como fluxos, cuidado com a arborização e ser um local com usos flexíveis, podendo proporcionar várias atividades aos usuários do local, além de estar inserido no contexto urbano estando próximo a áreas residenciais e comerciais. Através da figura 3, é possível visualizar o local com suas características como a vegetação, mobiliário e usos.

3.2.3 Capela da Ressurreição, LP Architektur

Visto que o local da praça possui uma capela mortuária que também fará parte do projeto de requalificação, foi pensando em uma referência que apresentasse a materialidade e conceito que será abordado na elaboração do projeto para a praça. Através da figura 4 é possível visualizar o conceito que se busca através dessa referência.

Figura 4: Capela da ressurreição.



Fonte: [ArchDaily](#), 2023

De acordo com o site ArchDaily (2023) a capela está localizada na cidade de Gemeinde Strass Im Attergau, na Áustria, e fica na extensão de uma antiga pedreira. “Um suporte de concreto voltado para a encosta forma a conclusão distintiva da topografia local e define o endereço da capela”, afirma a equipe de projeto do Lp Architektur. Esse referencial de projeto foi escolhido por apresentar um estilo moderno e minimalista, com o uso de poucos materiais que contrastam com o ambiente. O interior da capela proporciona leveza aos usuários através da incidência de luz e a materialidade utilizada no local. Além de decorativos, os muxarabis transmitem uma sensação de separação entre o externo e interno. O conjunto de estrutura da fachada vertical, as ripas horizontais no interior e a incidência da luz, criam uma sensação sagrada. A capela tem uma aparência singular graças ao uso de concreto aparente e materiais naturais, como a madeira.

3.3. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico que será apresentado neste trabalho consiste em levantamento espacial do local, mapa comportamental com diferentes dias e horários analisados e a análise do resultado de questionários aplicados com a população.

3.3.1 Levantamento

A praça, ilustrada em planta na Figura 5, possui 624,06m² de área de intervenção. Ela está localizada em uma zona predominantemente residencial sendo uma ZOP-B, com poucos pontos comerciais ou de uso misto espalhados pelo bairro.

O local estudado tem um formato triangular e situa-se em um lote de esquina das ruas serraria e independência, sendo sua maior face confrontante com a igreja católica sagrada família, no mesmo nível que a praça na rua serraria. Enquanto a rua independência encontra-se em um nível abaixo da praça, conectando-se com essa por uma escadaria.

Figura 5: Foto de satélite com a indicação da visada.



Fonte: A autora com base no *Google Maps*.

A terceira lateral da praça é definida por edificações como bar, escadaria e residências, sendo essas que possuem suas aberturas voltadas para a capela. A capela mortuária está em um local que possui afastamento de um metro do muro que divide a praça de um terreno.

A praça, atualmente, é utilizada de forma precária pelos moradores, pois é o único espaço de lazer disponível no bairro. A falta de atrativos que estimulem o uso contínuo durante todo o dia resulta em um ambiente propício para que, em determinados horários da noite, alguns usuários se reúnam para o consumo de substâncias ilícitas. É fundamental repensar o uso e a revitalização desse espaço, a fim de torná-lo mais seguro e acolhedor para toda a comunidade.

Após as visitas ao local, constatou-se que tanto a praça quanto a capela carecem de cuidados urgentes - conforme figuras 6, 7 e 8. Entre os principais pontos que necessitam de melhorias, destacam-se os mobiliários, que não atendem adequadamente às necessidades de conforto e acessibilidade da praça. Além disso, a presença de vários desníveis com diferenças de altura dificulta a locomoção dos visitantes. A falta de manutenção dos elementos presentes na praça também é uma preocupação.

Figura 6, 7 e 8: Praça Sagrada Família.



Fonte: Autor

Em relação à capela, conforme ilustrado na figura 9, foi constatada uma situação de vandalismo, caracterizada por vidro quebrado, além de evidente falta de cuidados. Por outro lado, a figura 10 revela que o interior da capela está em condições mais preservadas do que sua parte externa, embora ainda exija manutenção. Além disso, foi observado o espaço representado na figura 11, que apresenta um afastamento de 1 metro em relação ao muro do vizinho e encontra-se completamente abandonado. Essa área, desprovida de cuidados, contribui para a proliferação de doenças e o acúmulo de lixo.

Figura 9, 10 e 11: Capela da praça Sagrada Família



Fonte: Autor

3.3.2 Mapa comportamental

O mapa comportamental da praça constitui-se de um estudo do local em diferentes dias e horários ao longo do mês de setembro. O objetivo desse estudo era capturar o fluxo de pessoas em locais específicos da praça, tanto em dias úteis quanto em fins de semana. Para isso, o observador se posiciona em locais estratégicos, que oferecem uma ampla visão do ambiente, e permanece ali por um período de cinco minutos. Durante esse tempo, o observador analisa os padrões de movimento e registra as informações em uma planta, identificando cada atividade observada.

No dia 07/09 (sábado) pela manhã havia pessoas andando com cachorro e sentadas no banco existente da praça. Já na parte da tarde foi visto pessoas passando pela praça, pessoas fazendo exercício e sentadas nos bancos.

No dia 11/09 (quarta-feira) na parte da manhã foi visto pessoas passando pela praça, já a tarde somente pessoas sentadas. Esse fluxo baixo pode se dar pelo horário e dia da semana, sendo um horário comercial onde a maioria das pessoas estão trabalhando.

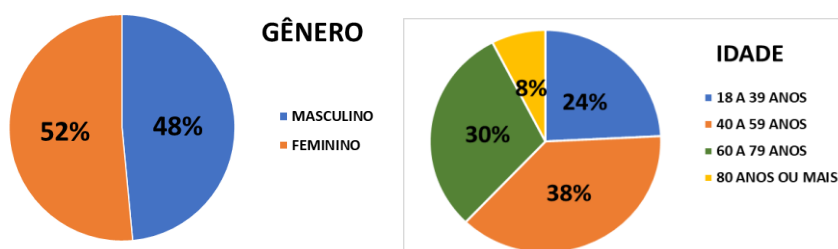
No dia 23/09 (segunda-feira) pela manhã observou se pessoa passando, pessoa parada e sentada. Na parte da tarde, somente uma pessoa está passando. Já no dia 29/09 (domingo) pela manhã a praça possuía um fluxo maior com pessoa parada, criança brincando, pessoa sentada e pessoa passando. E à tarde uma pessoa passando e sentada.

3.3.3 Questionário

Para fundamentar a pesquisa, foi realizado um questionário com os residentes e usuários da praça. Foram aplicados 66 questionários em oito dias e horários variados para analisar o dia a dia, o fluxo e as atividades que as pessoas desempenham no local.

As questões iniciais foram gerais, incluindo gênero, idade e categorias de participantes - conforme gráficos 1 e 2. Em termos de gênero, temos uma distribuição bastante equilibrada de participantes. No total, 32 são do sexo masculino, enquanto 34 são do sexo feminino. Em relação à idade, os participantes estão distribuídos em diversos grupos, sendo 16 deles na faixa etária de 18 a 39 anos. O grupo de 40 a 59 anos representa a maior parte, com 25 integrantes. Entre os indivíduos de 60 a 79 anos, há 20 pessoas. Por fim, existem 5 participantes com mais de 80 anos.

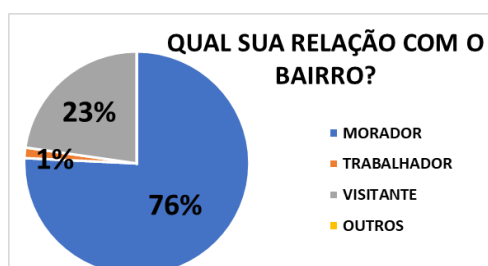
Gráficos 1 e 2: Gênero e faixa etária.



Fonte: Autora.

O local de moradia do grupo não é muito variado, refletindo que a grande maioria dos entrevistados residem na comunidade - conforme gráfico 3. Entre os 66 participantes, 50 são moradores, o que indica uma forte presença de usuários da praça que residem no local. Além deles, temos um trabalhador e 15 visitantes, o que sugere um fluxo considerável de pessoas que vêm ao local, possivelmente para lazer ou eventos.

Gráfico 3: Relação com o bairro.



Fonte: Autora.

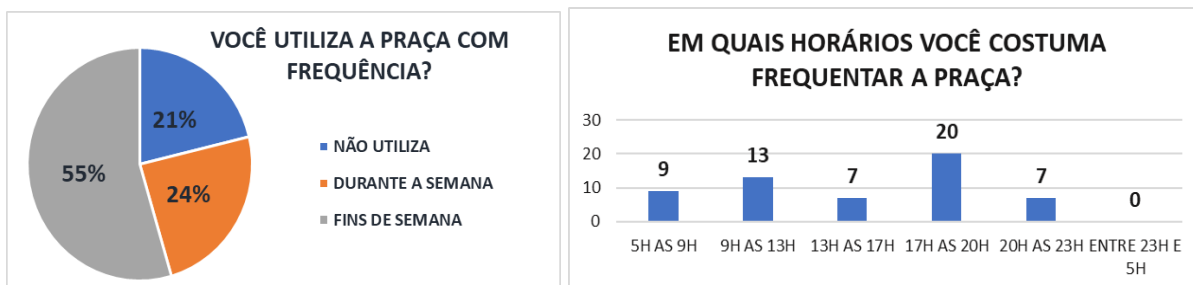
Conforme gráfico 4, 14 pessoas afirmaram que não utilizam a praça. Por outro lado, 16 participantes a visitam durante a semana, sugerindo que ela é um espaço valorizado para atividades diárias ou descanso entre compromissos. Entretanto, o destaque vai para os 36 indivíduos que a utilizam nos fins de semana. Esse número

expressivo indica que a praça se torna um ponto de encontro e lazer importante para a comunidade, especialmente durante os momentos de descanso e socialização.

No período das 13h às 17h, a frequência diminui um pouco, com apenas 7 participantes utilizando o espaço. Isso pode refletir a necessidade de outras atividades ou maior conforto no local durante a tarde. A praça volta a atrair mais visitantes entre 17h e 20h, com 20 pessoas frequentando o local. Entre 20h e 23h, a frequência cai novamente para 7. Ninguém informou que frequenta a praça entre 23h e 5h.

Essas respostas sugerem que a praça é mais frequentada no período da manhã e durante a noite.

Gráfico 4 e 5: Uso e horário de fluxos.

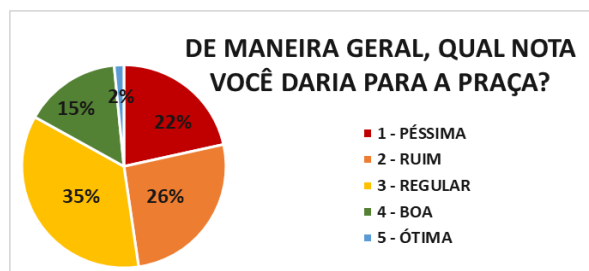


Fonte: Autora.

Ao questionarmos os participantes sobre a qualidade da praça, obtivemos uma variedade de opiniões que espelham distintas vivências e pontos de vista - conforme gráfico 6. A avaliação mais negativa foi feita por 14 indivíduos, que a avaliam como péssima. Já 17 participantes a classificaram como ruim. Isso sugere que há aspectos significativos que precisam de atenção e melhoria.

O maior grupo de participantes, 23 indivíduos, escolheu a classificação regular, indicando que a praça é percebida como aceitável, porém com diversas áreas que poderiam ser melhoradas. Apenas 10 indivíduos classificaram a praça como boa, indicando que, para um segmento da comunidade, o local possui qualidades, mas não é necessariamente ótima. Apenas 1 participante a classificou como ótima, entendendo que para ele a praça realmente desempenha seu papel de maneira satisfatória.

Gráfico 6: Qualidade da praça.

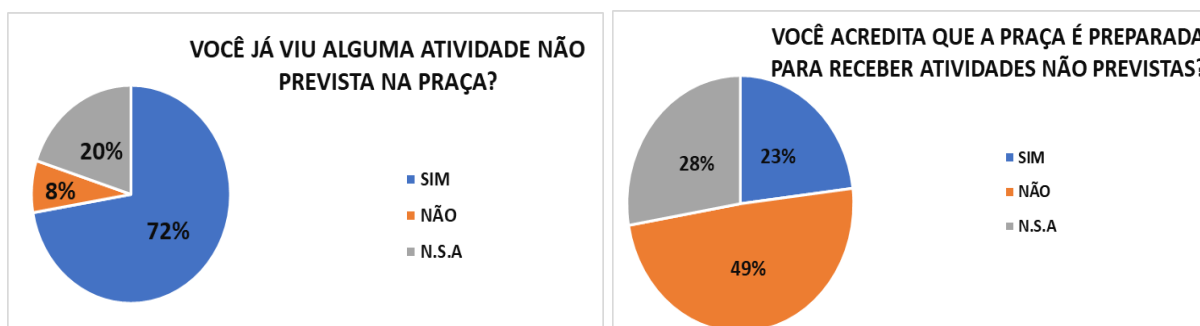


Fonte: Autora.

Ao perguntarmos se os participantes já presenciaram alguma atividade não prevista, como eventos, campanhas ou aulas de ginástica, a maioria respondeu que sim - conforme gráfico 7. Um total de 47 pessoas confirmou ter visto essas atividades acontecendo na praça, enquanto apenas 5 disseram que não. Além disso, 13 participantes optaram por não se manifestar sobre a questão.

Em relação à preparação da praça para receber essas atividades, as opiniões foram mais divididas - conforme gráfico 8. Apenas 15 pessoas acreditam que a praça está adequada para eventos não previstos. Em contraste, 32 responderam que não consideram o espaço preparado para tais atividades. Outros 18 participantes também escolheram não se pronunciar sobre a capacidade da praça.

Gráfico 7 e 8: Gráficos de atividades.

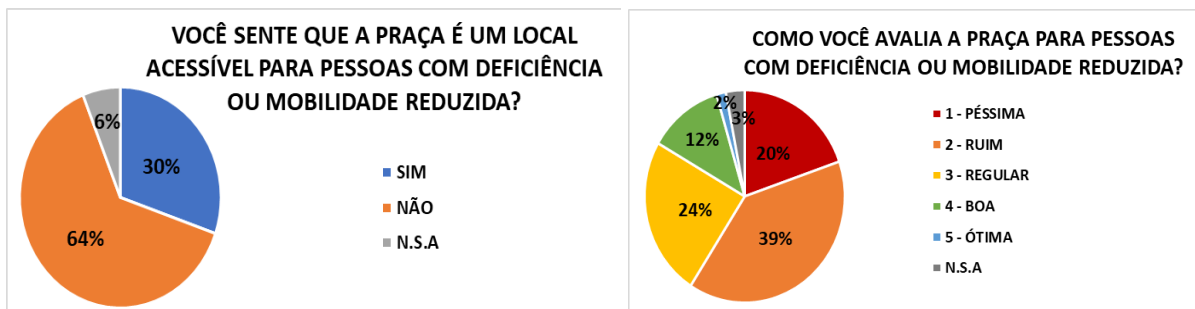


Fonte: Autora.

Ao perguntar aos participantes se eles sentem que a praça é um local acessível para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida - conforme gráfico 9 -, somente 20 pessoas responderam que sim, enquanto 42 afirmaram que não consideram a praça acessível. Além disso, 4 participantes preferiram não se manifestar sobre a questão.

Quando avaliamos a praça especificamente em relação à acessibilidade, os resultados também refletem uma percepção crítica - conforme gráfico 10 -, 13 pessoas a consideram péssima para esse público, enquanto 26 a classificaram como ruim. Um grupo de 16 participantes a avaliou como regular, indicando que, embora haja aspectos que podem ser melhorados, a situação não é completamente insatisfatória. Apenas 8 pessoas a consideraram boa, e uma única pessoa a avaliou como ótima. Por fim, 2 participantes optaram por não se pronunciar. Esses dados mostram uma necessidade clara de melhorias na acessibilidade da praça, evidenciando que a inclusão e a adaptação do espaço são questões que devem ser priorizadas para atender a todos os cidadãos de forma justa.

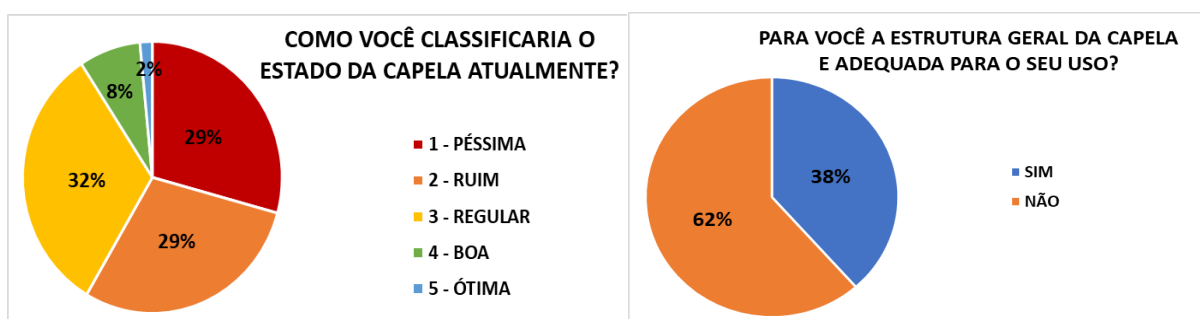
Gráficos 9 e 10: Acessibilidade.



Fonte: Autora.

Quando perguntamos aos participantes como classificariam o estado atual da capela, as respostas revelaram uma visão bastante crítica - conforme gráfico 11. Um total de 19 pessoas considerou a capela péssima, enquanto outras 19 a classificaram como ruim. A avaliação mais comum foi regular, com 21 participantes escolhendo essa opção. Apenas 5 pessoas a consideraram boa, e uma única pessoa a avaliou como ótima. Além disso, ao questionarmos se a estrutura geral da capela é adequada para o uso, as opiniões foram predominantemente negativas - conforme gráfico 12. Enquanto 25 participantes disseram que a estrutura é adequada, 40 acreditam que não atende às necessidades.

Gráficos 11 e 12: Capela mortuária.



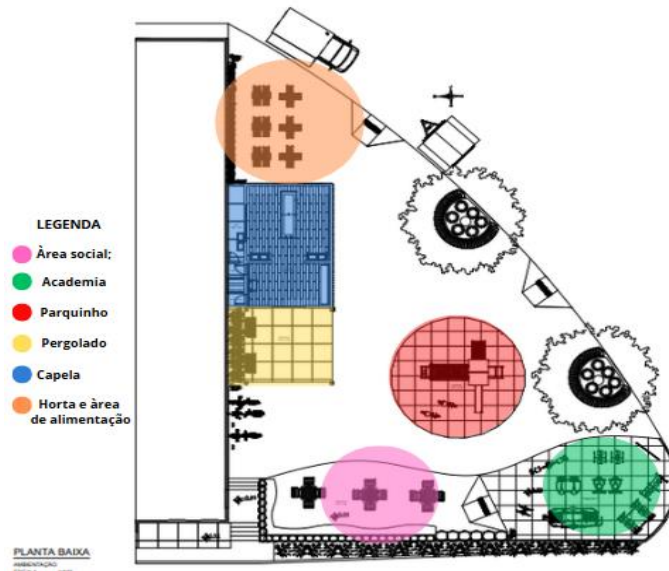
Fonte: Autora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado desse trabalho é um projeto (Apêndice A) que preserva a identidade da praça, ao mesmo tempo em que requalifica seus espaços para novas funções e promove sua revitalização para atrair novos usuários. Considerando que o local estudado tem uma área relativamente pequena em comparação com outras, optou-se por criar ambientes multifuncionais, é possível visualizar esses ambientes na setorização representada na Figura 12. Essa abordagem permite que as características já existentes sejam mantidas, ao mesmo tempo em que se cria espaço para novos usos. Dessa forma, foi idealizada uma área com seis ambientes distintos, cada um pensado para promover a convivência, o lazer e a cultura da comunidade, sendo eles: área social, academia, parquinho, área de alimentação, pergolado e

capela. Além de possuir dois canteiros que foram projetados para abrigar as duas árvores já existentes da praça.

Figura 12: Setorização.



Fonte: Autora.

A pavimentação da praça em geral foi feita por blocos intertravados de 20x10cm, já a academia e o parquinho possuem piso emborrachado que também são drenantes e possuem cores distintas – preto para a academia e verde para o parquinho. O uso desse material foi pensado principalmente no cuidado com os usuários, visto que nesses locais há um alto risco de quedas, sendo principalmente utilizado por crianças e pessoas idosas.

4.1. ACADEMIA E ÁREA SOCIAL

Visto que a área da praça é utilizada pela comunidade de forma ‘precária’ por pessoas idosas, foi projetada uma academia popular da terceira idade com os equipamentos como simulador de cavalgada, esqui, simulador de caminhada, surf, remada sentada, múltiplo exercitador, rotação vertical com diagonal duplo cadeirante, necessários para atender a demanda por um local apropriado para as práticas de exercícios da população. Ao lado da academia foi mantida a área com mesas e jardineiras existentes. Porém além da reforma desse mobiliário, foi idealizado um banco com jardineira que contorna toda a extensão da área e serve de proteção principalmente para crianças, visto que possui um desnível da praça para a rua Independência.

Figura 13 e 14: Perspectiva academia e área social.



Fonte: Autora.

4.2. PARQUE INFANTIL

Conforme é possível visualizar na Figura 15, o parquinho é composto por um multibrinquedo de madeira que contém balanço, escorrega e escalada. Além de possuir dois brinquedos de cavalo com mola. Optou-se por não utilizar cercas ou grades para integrar o parquinho com os outros ambientes da praça, considerando ainda que seu uso será conjugado com a presença dos pais no entorno.

Figura 15: Perspectiva do parquinho



Fonte: Autora.

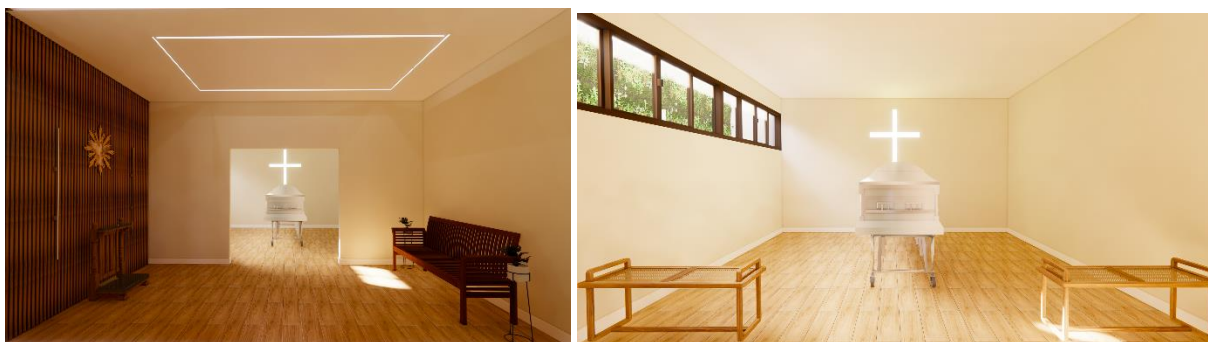
4.3. CAPELA E PERGOLADO

A capela foi redimensionada a partir daquela existente, mas mantendo a localização atual. Antes, ela possuía dois ambientes com uma área de bebedouro e pia. O projeto como mostra a Figura 16, prevê um hall de entrada, que dá acesso à área de serviço, à copa e à sala onde o corpo é velado (Figura 17). Além desses ambientes, foi proposta uma área externa, com um jardim vertical que possui o objetivo de ser um refúgio visual para os usuários e servir de iluminação e ventilação natural para os ambientes internos. Essa área é de acesso restrito, através da copa. Os materiais

utilizados na capela foram o revestimento carvalho natural da Biancogres no piso, a tinta é chapada diamantina da Suvinil nas paredes e o rodapé branco de poliestireno com 10cm da santa luzia.

Já a área externa conta com dois bancos de madeira, uma jardineira com o paisagismo composto por estrelitzia e dianela, e um pergolado de madeira plástica. Esse material vista a durabilidade e a baixa manutenção, ideal para ser aplicado em um local que possui um alto fluxo, está exposto a interferências climáticas e demanda uma baixa manutenção. O piso é revestido pelo porcelanato Tribeca Grey Externo fornecido pela Biancogres e as paredes externas possui aplicação da textura de cimento queimado da Suvinil.

Figura 16 e 17: Perspectiva da capela mortuária.



Fonte: Autora.

4.4. ÁREA DE ALIMENTAÇÃO E HORTA

Para incentivar o uso da praça em diferentes períodos, foi proposta uma área de alimentação com mobiliário flexível que conta com duas vagas para *food-truck*, além dessa área foi projetada uma horta vertical para atender a igreja onde os próprios moradores também podem usufruir dos itens ali colhidos, nas Figuras 18 e 19 e possível visualizar esses ambientes, já a perspectiva geral da praça está ilustrada na Figura 20.

Figura 18, 19 e 20: Perspectiva de área de alimentação, horta e praça em geral.





Fonte: Autora

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das intervenções arquitetônicas e paisagísticas apresentadas, alinhadas às demandas da população, é possível projetar uma praça mais acessível e convidativa. A aplicação dos métodos da Avaliação Pós-Ocupação: questionários e mapas comportamentais, permitiu uma compreensão aprofundada das percepções e necessidades dos usuários, sendo fundamentais para a construção de um ambiente que valoriza a interação dos moradores, além de orientar propostas que não apenas visam à estética, mas também à funcionalidade e viabilidade dos itens propostos.

O projeto desenvolvido para a praça demonstra um compromisso com a preservação, ao mesmo tempo em que promove a flexibilidade e a multifuncionalidade de seus espaços. A proposta de criar seis ambientes distintos, cada um com uma função voltada para a convivência, lazer e cultura, reflete um objetivo que visa atender às necessidades da comunidade. Dessa forma, espera-se que o projeto de requalificação promova um espaço de interação social, bem-estar da população e a valorização do convívio coletivo, reafirmando o papel das praças como verdadeiros centros de vida urbana.

REFERÊNCIAS

Ana J.G. Limongi França, Rosaria Ono, Sheila Walbe Ornstein e Simone Barbosa Villa. "Avaliação Pós-ocupação: Como desenvolver projetos melhores avaliando edificações existentes" 12 Dez 2018. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/907536/avaliacao-pos-ocupacao-como-desenvolver-projetos-melhores-avaliando-edificacoes-existentis>>. Acessado 26 Mai 2024.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Peste e o plano: o urbanismo sanitista do engenheiro Saturnino de Brito**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Acesso em: 26 maio 2024.

BRASIL. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: < Censo 2010 | IBGE> Acesso em 21 de maio de 2024.

BRASIL. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2022. Disponível em: < Censo 2022 | IBGE > Acesso em 26 de novembro de 2024.

CALDEIRA, J.M. **A praça brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2007.

Capela da Ressurreição / LP architektur" [Resurrection Chapel / LP architektur] 25 Mai 2023. ArchDaily Brasil. Acessado 27 Mai 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/1001131/capela-da-ressurreicao-lp-architektur>> ISSN 0719-8906

CASAMATA, Henrique. **Cobilândia: histórias de quem fez de uma fazenda um grande bairro**. Espírito Santo 16 set.2019. Disponível em: < Cobilândia: histórias de quem fez de uma fazenda um grande bairro | A Gazeta > Acesso em 21 de maio de 2024.

CAUS, Celso Luiz. **Das fontes e chafarizes às águas limpas: evolução do saneamento no Espírito Santo – Vitória**: CESAN, 2012.

ECKER, Vivian Dall'Igna. O conceito de praça e a qualidade da paisagem Urbana. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020.

Elali, G. A. (2002). **Ambientes para Educação Infantil: um quebra-cabeças? Contribuição metodológica na Avaliação Pós-Ocupação de edificação e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área**. Tese de Doutorado não-publicada, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. De largo a jardim: praças públicas no Brasil– algumas aproximações. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 5, mmacedon. 1, p. 101-120, 2007.

JSN, Instituto Jones dos Santos Neves. Revista da Fundação Jones dos Santos Neves - Ano II - Nº 2 - 1979.

LAMAS, J. M. R.G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011. (Texto original de 1960).

MACEDO, Silvio Soares (...). **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Edusp, 2012.

MARTINS, Marcelo Lema Del Rio. **Os bairros Rio Marinho dos municípios de Vila Velha e de Cariacica e a rodovia Leste-Oeste no contexto da região metropolitana da grande Vitória-Espírito Santo**. 2017.

MARX, M. Cidade Brasileira. São Paulo: Melhoramentos: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

METRO Arquitetos. Projeto Mirim São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://metroarquitetos.com.br/projeto/projeto-mirim-sao-paulo-2017/>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

ONO, Rosaria et al. (org.). **Avaliação pós-ocupação: da teoria à prática**. 1. ed. Cubatão, SP: Oficina de Textos, 2018. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 27 maio 2024.

ONO, Rosaria et al. **Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design**. Oficina de Textos, 2018.

Parque Dongshan Shaoye / WAY Architects" [Dongshan Shaoye Plaza / WAY Architects] 05 Mar 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 27 Mai 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/957832/parque-dongshan-shaoye-way-architects>>

PEIXOTO, Paulo. **Requalificação urbana. Plural de cidade: novos léxicos urbanos**, p. 41-52, 2009.

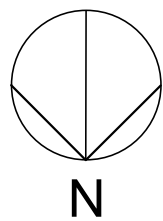
RHEINGANTZ, Paulo Afonso, et al. **Observando a qualidade do lugar. Procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: PROARQ / UFRJ, 2009. 117p. Disponível em: <http://www.fau.ufri.br/prolugar/assets/obs_a_qua_lugar.pdf >Acesso em: 10 de outubro de 2017.

VILA VELHA. Lei Complementar nº 65, de 13 de dezembro de 2018. Dispõe sobre o Plano Diretor Municipal de Vila Velha. Disponível em: https://processos.vilavelha.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html_impressao/C652018.html?identificador=30003A004C00. Acesso em: 16 jun. 2024.

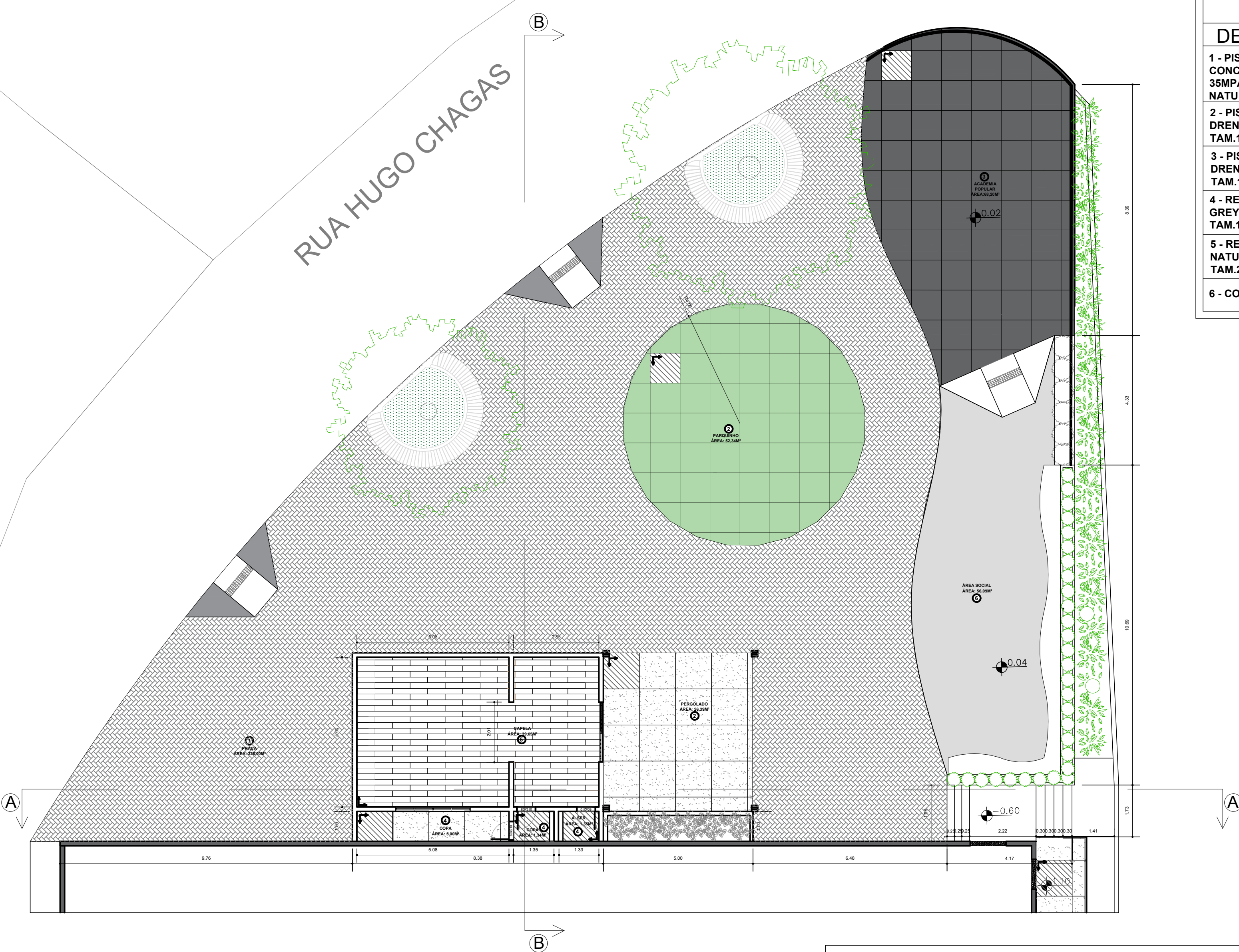


LEGENDA			
NOME	LOCAL	SIMBOLO	IMAGEM
DIANELA	CANTEIRO JARDINEIRA		
ESTRELITZIA	JARDINEIRA		
XANADU	CANTEIRO DAS ÁRVORES		
BUXINHO	BANCOS JARDINEIRA		

1 PLANTA DE LAYOUT
ESCALA 1/100

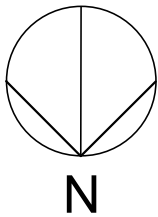


PROJETO			NÚMERO FOLHA		
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DE PRAÇA			01/05		
RUA SERRARIA, RIO MARINHO, VILA VELHA - ES					
DISCIPLINA		TÍTULO DO DESENHO			
TCC II - APÊNDICE A		PLANTA DE LAYOUT			
ALUNOS		PROFESSOR	DATA	ETAPA	
THAYS FERREIRA DE OLIVEIRA		JOÃO SAYD	28/11/24	PROJETO EXECUTIVO	
		NOME DO ARQUIVO	ESCALA		
		TEMPLATE UNISALES-ARQ-R01		1:100	

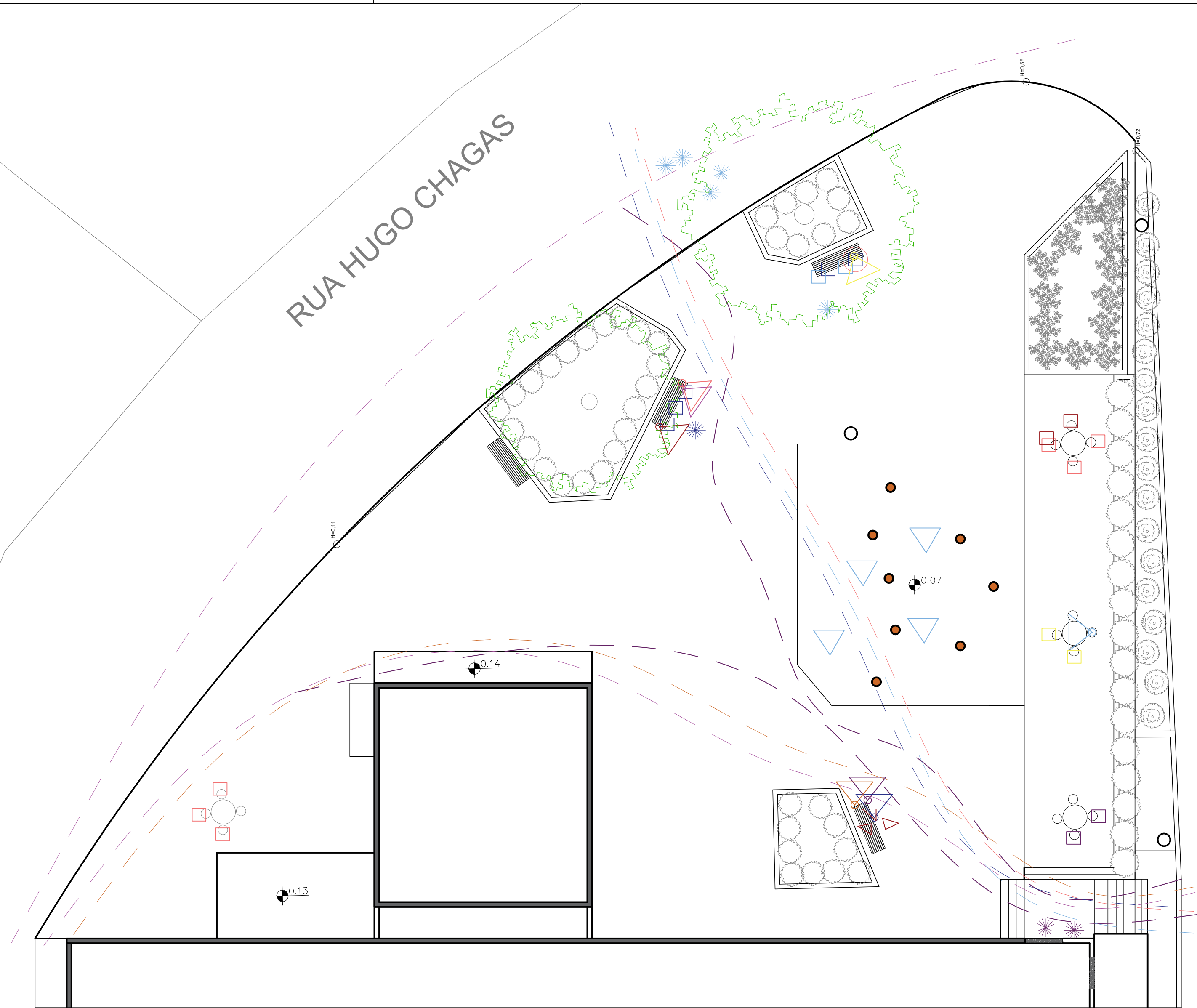


MATERIAIS		
DESCRIÇÃO	ÁREA	IMAGEM
1 - PISO INTERTRAVADO DE CONCRETO RETANGULAR, 35MPA, TAM.10x20x06, NATURAL CINZA.	326,00M²	
2 - PISO EMBORRACHADO DRENANTE, 30 MPA, TAM.100x100 , COR VERDE.	68,20M²	
3 - PISO EMBORRACHADO DRENANTE, 30 MPA, TAM.100x100 , COR PRETA.	52,34M²	
4 - REVESTIMENTO TRIBECA GREY EXT, ACETINADO, TAM.120x120, - BIANCOGRES	34,08M²	
5 - REVESTIMENTO CARVALHO NATURAL, ACETINADO, TAM.26x106 - BIANCOGRES	39,65M²	
6 - CONCRETO APARENTE	56, 09M²	

1 PLANTA DE PAGINAÇÃO DE PISO
ESCALA 1/100



PROJETO			NÚMERO FOLHA	
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DE PRAÇA			02/05	
RUA SERRARIA, RIO MARINHO, VILA VELHA - ES				
DISCIPLINA		TÍTULO DO DESENHO		
TCC II - APÊNDICE A		PAGINAÇÃO DE PISO		
ALUNOS		PROFESSOR	DATA	ETAPA
THAYS FERREIRA DE OLIVEIRA		JOÃO SAYD	28/11/24	PROJETO EXECUTIVO
		NOME DO ARQUIVO	ESCALA	
		TEMPLATE UNISALES-ARQ-R01	1:100	



LEGENDA	
07/09 = MANHÃ	
07/09 = TARDE	
11/09 = MANHÃ	
11/09 = TARDE	
23/09 = TARDE	
23/09 = MANHÃ	
29/09 = TARDE	
29/09 = MANHÃ	

LEGENDA	
OBSERVADOR	
P. SENTADA	
P. ANDANDO	
P. PARADA	
P. COM CRIANÇA	
P. FAZENDO EXERCICIO	
P. COM CACHORRO	
CRIANÇA BRICANDO	

1

MAPA COMPORTAMENTAL

ESCALA 1/100

 Centro Universitário Salesiano			
PROJETO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DE PRAÇA RUA SERRARIA, RIO MARINHO, VILA VELHA - ES			NÚMERO FOLHA 05/05
DISCIPLINA TCC II - APÊNDICE A		TÍTULO DO DESENHO MAPA COMPORTAMENTAL	
ALUNOS THAYS FERREIRA DE OLIVEIRA	PROFESSOR JOÃO SAYD	DATA 28/11/24	ETAPA PROJETO EXECUTIVO
NOME DO ARQUIVO TEMPLATE UNISALES-ARQ-R01		ESCALA 1:100	